



"Sete Luas para SX-70", seqüência do artista brasileiro Ricardo van Steen, feita a pedido da Folha, com o filme da Polaroid lançado em 1972 e que deixará de ser fabricado no final do mês de março

ADEUS, POLAROID

Filme SX-70, que abastecia a famosa câmera, deixa de ser fabricado; artistas brasileiros fazem homenagem com instantâneos inéditos

TEREZA NOVAES
DA REPORTAGEM LOCAL

Terminada a batucada, o ano começará com uma notícia triste para a fotografia. O filme para a câmera Polaroid SX-70 deixará de ser fabricado no fim de março.

Matéria-prima de artistas do porte de Andy Warhol, David Hockney e André Kertész, o sistema SX-70 é pioneiro no quesito imagem instantânea. A câmera foi a primeira a ejetar a foto totalmente pronta, dispensando processos adicionais de revelação. Desde seu lançamento, em 1972, o mundo da arte foi seduzido pelo seu magnífico design —desenhada por Henry Dreyfuss, a máquina original não é produzida há mais de 20 anos— e pelas inúmeras possibilidades de criação.

No Brasil, não foi diferente. Há ainda muitos artistas que trabalham com o SX-70. A pedido da Folha, Cássio Vasconcellos, Armando Prado, Claudio Elisabethsky, Marcelo Pallotta e Ricardo van Steen selecionaram uma imagem de sua autoria —que ilustra esta página— para simbolizar o fim de uma era.

"O sistema foi revolucionário dentro de uma perspectiva tecnológica. Ele permitiu o registro de imagens sem muitas preocupações com questões técnicas", afirma Barbara Hitchcock, diretora da coleção Polaroid, que possui 20 mil fotos que datam a partir de 1937, ano da fundação da empresa, 1.990 feitas com o SX-70.

"A câmera conseguiu unir duas qualidades importantes para a época: a velocidade do processamento da foto e o controle da luminosidade. Ela inaugura um novo momento, o 'snap shot', que se torna uma ferramenta para regis-

trar o cotidiano. A SX-70 é fundamental na história da fotografia e da cultura", contextualiza o pesquisador Rubens Fernandes Jr.

Nos anos 70, o imediatismo (e a privacidade) proporcionados pelas Polaroids serviram de estímulo para registros mais íntimos. "A máquina incentivou uma geração

de fotógrafos a fazer auto-retratos. Houve inclusive um aumento de nus na época. A obra da holandesa Toto Prima é um bom exemplo disso", diz Barbara.

Não apenas essas características alavancaram a produção artística com o SX-70. A palbeta de cores —que puxa para os tons azulados— e o fato de o filme/papel

poder ser manipulado durante a rápida revelação se tornaram atrativos para os artistas.

Tela
"Os artistas usam o filme com uma espécie de tela, na qual as intervenções são importantes. Acho

que isso é um mérito porque estimula a criatividade para além do simples clique", opina Barbara. "E muitos pintores utilizam essa câmera em suas fotografias. O SX-70 é natural para eles, a nuance das cores é muito especial, diferente de todos os outros tipos existentes de filmes coloridos."

"Ela é especial, tem cara de Polaroid. A cor, a textura são diferentes", concorda o fotógrafo paulistano Cássio Vasconcellos, 40.

Vasconcellos é um dos artistas mais fiéis ao sistema. Em sua série "Noturnos", na qual retrata a paisagem de grandes cidades à noite, ele usou a câmera SX-70. Seis fotos dele estão na coleção Polaroid.

O fotógrafo, que comprou sua primeira SX-70 (usada) em 1984, considera a falta de recursos da máquina uma qualidade. "O fato de ela ser amadora é o seu charme", sentença.

"A qualidade de cor, de imagem e da ótica são muito boas. A objetiva é de cristal, não de plástico", defende Armando Prado.

Ao lado de outros seis fotógrafos, Prado mantém um site (www.sx70.com.br) no qual estão os portfólios de outros partidários dessa Polaroid. "Estamos juntando um grupo para comprar um último lote de filme, será o canto dos cisnes", diz Prado.

Marcelo Pallotta, 38, também participará dessa última homenagem. "Só trabalho com SX-70. Não fotografo com outra câmera. Foto para mim é só isso", afirma.

Desde que começou a fotografar, nos anos 90, Pallotta teme pelo fim do suporte. "Já ouvi várias vezes que o filme acabaria, por isso ainda tenho alguma esperança", diz Pallotta. Uma solução é adaptar outro filme, enganando o fotômetro com um filtro.

"É um 'turning point' da fotografia. Tudo o que eu tenho está indo embora", lamenta Claudio Elisabethsky, 47. Para ele, o SX-70 funciona como uma espécie de diário. "Registrei o crescimento das minhas filhas com a câmera, são como desenhos em na quim", compara Elisabethsky.

UM RETRATO DA CÂMERA

Surgimento
A primeira versão da SX-70 foi lançada em 1972, custava cerca de US\$ 180 (R\$ 385), um pacote de filmes sala por US\$ 11 (R\$ 23); a última saiu de linha em 1982

Idéia
As câmeras instantâneas surgiram depois que a filha de Harold Edwing Land, fundador da Polaroid, pediu ao pai para ver as fotos no momento em que elas eram feitas



Custo
As pesquisas para o desenvolvimento da SX-70 somaram US\$ 750 milhões (R\$ 1,6 bilhão)

Tecnologia
Há um modelo similar à SX-70 ainda em produção; a SLR690 é feita no Japão e tem microprocessadores no lugar dos circuitos analógicos; custa US\$ 399 (R\$ 850)

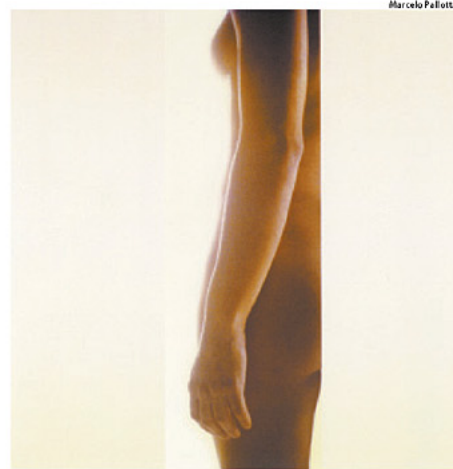
LIVROS SOBRE SX-70

"Noturnos São Paulo"
Bookmark, 248 págs., R\$ 50
■ A série de imagens feitas por Cássio Vasconcellos em SP



"The Polaroid Book"
Taschen, 399 págs., R\$ 199
Compilação de 267 fotos pinçadas da coleção Polaroid

"SX70.COM.BR"
Editora Wide, 260 págs., R\$ 90
Reúne registros em SX-70 de sete fotógrafos brasileiros



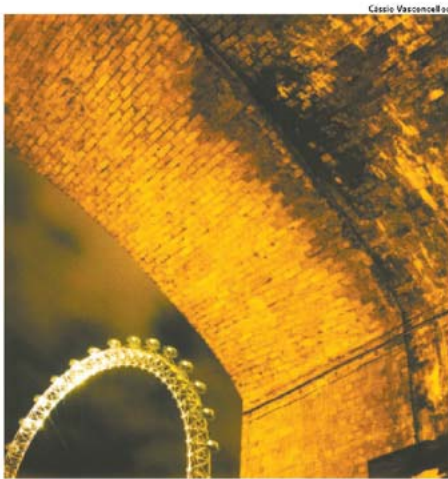
Marcelo Pallotta

SITES SOBRE SX-70

Polaroid
www.polaroid.com
■ O site oficial disponibiliza os manuais originais e ensina a adaptar filmes que continuam em produção para a SX-70

The Hacker's Guide to the SX-70
<http://www.chemie.unibas.ch/~holder/SX70.html>
■ Muitas informações sobre o sistema SX-70, além de dicas de adaptações e toda a história das câmeras

The Land List
<http://www.rwhired.com/landlist/landhome.htm>
■ Projeto de catalogação de produtos Polaroid; não tem ligações com a empresa, mas tem muitos dados sobre câmeras e filmes



Cássio Vasconcellos



Claudio Elisabetsky



Armando Prado

Acima, imagem de autoria de Marcelo Pallotta; da esquerda para a direita, fotografias com que Cássio Vasconcellos, Claudio Elisabetsky e Armando Prado se despedem do filme para a câmera SX-70